

PAISAGENS CULTURAIS

entre dois mares



ANTONIO LICCARDO

Apoio



Incentivo



Projeto aprovado no Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura | PROFICE da Secretaria da Cultura,
Governo do Estado do Paraná.

© 2022 Antonio Liccardo

Coordenação editorial
Editora Estúdio Texto

Revisão
Marlene Valsko Portes

Diretora
Josiane Blonski

Supervisão
Josiane Blonski

Capa, projeto gráfico e diagramação
Ana Caroline Machado

Assistente editorial
Verônica Queji de Paula

Fotos
Antonio Liccardo

Assistente administrativo
Érika Blonski

Tratamento de imagens
Valentina Berger

Projeto Profice de captação de recursos



alessandra@abcprojetos.com.br

L698	Liccardo, Antonio Paisagens culturais entre dois mares/ Antonio Liccardo. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2022. (Série Referência) 176p.; il. E-book - PDF. ISBN: 978-65-87261-29-4 1. Geografia – América Latina. 2. América Latina – paisagens. 3. América Latina – fotografia. 4. América Latina – paisagem cultural. I. T. CDD: 910.09
------	---

Ficha Catalográfica elaborada por Maria Luzia Fernandes Bertholino dos Santos – CRB9/986

Depósito Legal na Biblioteca Nacional.

O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do autor.

ANTONIO LICCARDO

P A I S A G E N S
CULTURAIS
entre dois mares

*Para Carla, companheira
de paisagens e de vida.*

*Salgo a caminar por la cintura cósmica del Sur
Piso en la región más vegetal del viento y de la luz
Siento al caminar toda la piel de América en mi piel*

Trecho da música Canción con Todos, de Armando Tejada Gómez e César Isella,
eternizada na voz de Mercedes Sosa em 1970, no álbum El Grito de la Tierra.



Praia de pescadores – Barra Velha, Santa Catarina – 2006.

Sumário

APRESENTAÇÃO 11

A POLÍTICA E A POÉTICA DO ESPAÇO
LATINO-AMERICANO 15



BRASIL 19



URUGUAI 75



ARGENTINA 47



PARAGUAI 91



CHILE 105



PERU 141



BOLÍVIA 119



EQUADOR 159

SOBRE O AUTOR 175



A arquitetura colonial do centro de Quito é considerada o conjunto histórico mais bem conservado da América Latina e foi o primeiro Patrimônio Cultural da Humanidade, declarado pela UNESCO em 1978. Quito, Equador – 2019.

Apresentação

A conformação geográfica da América do Sul lembra uma cunha abrindo o planeta em duas partes... separando a imensidão de água em dois oceanos – o Atlântico e o Pacífico... como um cone... o Cone Sul... espetado no mundo como um enorme alfinete no mapa-múndi.

A América do Sul já esteve colada na África e, junto com Índia, Antártida e Oceania, formavam um só continente há 150 milhões de anos: o Gondwana. O Oceano Atlântico nasceu a partir dessa ruptura, iniciada quando o mundo era dominado por dinossauros. Desde então as placas tectônicas onde estão os continentes continuam se afastando a velocidades variadas. Se Colombo chegasse hoje na América teria que navegar mais uns trinta metros do que a distância que percorreu em 1492!

A teoria da Tectônica de Placas, assim como a Evolução das Espécies de Darwin e a Relatividade de Einstein, aponta que tudo está em movimento evolutivo – nada, nem mesmo o meio físico e o firmamento, é estático! Os Andes, por exemplo, não existiam há 60 milhões de anos. A dinâmica é a tônica do universo, do meio biológico, do meio geológico e da evolução humana.

A América também representou uma separação histórica e cultural a partir do século XVI... o Novo Mundo! *Terra incognita!* Muito diferente do Velho Mundo. Como se a partir da descoberta desse território fosse possível esquecer a cultura milenar europeia e começar uma vida nova do zero... uma cultura reiniciada, inclusive que suplantaria ou massacraria as culturas seculares nativas. Esse foi o sonho americano que moveu descobridores, pioneiros e imigrantes. Ilusões que forjaram um novo continente, mesclando visitantes aos

povos nativos e, ainda, com a participação compulsória de africanos escravos. De fato, esse Novo Mundo é diverso do Velho em muitos aspectos. Mas é impossível ir a um lugar sem levar sua cultura junto e sem interferência na cultura desse lugar... visitantes e visitados nunca mais serão os mesmos depois do contato. A paisagem nunca mais será a mesma, nem poderia ser.

Ora, toda paisagem é cultural! Não é possível retratar ou discutir um cenário sem a componente interpretativa que está embutida nos olhos do observador ou nas palavras de quem o descreve. Muitos autores se debruçaram sobre essas questões e se referem às cenas urbanas, ou com forte presença antrópica, para utilizar o termo *paisagem cultural* como contraponto à *paisagem natural*, que supõe uma natureza selvagem, intocada e idealizada. Numa análise sociológica, ou mesmo a partir do ponto de vista estético, o mundo natural já foi apropriado pelo homem. O registro fotográfico deixa isso claro... podemos conhecer o comportamento dos leões na savana africana ou das *vicuñas* nos andes bolivianos por documentários, filmados ou fotografados. As imagens têm o poder de construir a paisagem cultural na consciência de quem as observa. Aquilo que podemos ver, podemos interpretar.

Um conjunto de apontamentos fotográficos sobre a América do Sul oferece a oportunidade de sentir as paisagens culturais que integram o Novo Mundo Meridional. A obra humana sobre o meio físico, hábitos e comportamentos locais, vestígios de culturas antigas ou evidências da sobreposição pela cultura europeia... enfim... a miscigenação e o amálgama do homem com a natureza se refletem nessas imagens registradas em algumas viagens ao longo de anos. São retratos atemporais e que, muitas vezes, já não existiam mais a partir do momento em que foram clicados. Fotografias acabam se tornando sempre registros históricos e permitem construir uma representação objetiva das mudanças ocorridas na evolução.

Paisagens culturais entre dois mares apresenta um conjunto de fotografias sobre a riqueza natural e humana desse pedaço ainda pouco conhecido do planeta, que terá diversos significados construídos na consciência dos observadores. Essa proposta é uma experiência visual de percepção dos fragmentos de uma América do Sul caleidoscópica.

Antonio Liccardo



“O beijo” – Pintura rupestre na Serra da Capivara, Piauí. Esse sítio arqueológico apresenta milhares de representações de arte rupestre, além de outros vestígios e artefatos que indicaram sua ocupação como a mais antiga da América do Sul.



A mineração está muito presente na cultura chilena, a exemplo desta representação no Museu de Antofagasta. Antofagasta, Chile – 2019.

A política e a poética do espaço latino-americano

O fotógrafo, geólogo e professor universitário Antonio Liccardo vem se notabilizando, nos últimos anos, pela publicação de uma obra bastante robusta na área acadêmica envolvendo gemologia, patrimônio geológico e geoturismo. Contudo, também tem dedicado uma parte considerável de seu tempo à produção de fotografias, paixão que nasceu de forma concomitante aos estudos iniciais de mineralogia. A cada ano, tenho acompanhado a sua produção, principalmente em fotografia, que já passa de vinte títulos, e que me levou a criar, em minha biblioteca, uma seção especial para suas publicações.

Para um geólogo, a proximidade com a fotografia deve ser entendida como natural, afinal ela é o instrumento visual de quem precisa registrar, de maneira fiel, os detalhes de seu objeto de estudo. Para Antonio, no entanto, a fotografia não é apenas um meio de catalogar a natureza, mas uma forma de perceber o mundo no entorno da paisagem – a cultura que dá sentido às atividades humanas e ao espaço.

Conheço Antonio desde 1992, quando éramos estudantes do curso noturno da Aliança Francesa de Curitiba – eu jovem repórter, e ele proprietário de uma loja de minerais recém-instalada no Centro Histórico de Curitiba, embora já fosse muito mais inclinado a atividades acadêmicas.

Na época, partilhávamos a admiração por culturas e idiomas estrangeiros. Tínhamos grande interesse pelos relatos dos viajantes europeus que haviam feito, principalmente no início do século XIX, a descrição das riquezas do Brasil e dos países da América. Em especial discutíamos a expedição de Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), o francês que cruzou doze mil quilômetros de Brasil no lombo de mula, entre 1816 e 1822, catando plantas, recolhendo pedras, reclamando das estradas e observando a vida cotidiana que se formava nessa parte do mundo.

Apesar do mau humor peculiar que transparecia em algumas partes de seus escritos, Saint-Hilaire era um misto de naturalista, que recolhia meticulosamente as amostras em suas canastras para enviar para as instituições francesas –, de poeta da natureza e de cientista social: sua percepção da interação entre as pessoas e o ambiente conseguiu mostrar ao leitor um pouco da vida que corria nos sertões do Brasil. Era o “vê-tudo”, o “sábio-amante da natureza”, “europicamente deslumbrado” com a terra e com as gentes do Brasil, na expressão de Carlos Drummond de Andrade.

Sempre encarei o trabalho de Antonio Liccardo como o de um explorador à la Saint-Hilaire. Quem sabe fosse essa a razão de ele ter trabalhado, já nos seus primeiros livros, em dois projetos envolvendo o francês: um deles aqui no Paraná, que resultou no meu livro “Nas trilhas de Saint-Hilaire”, em que ele assina as fotografias, e o outro, “Saint-Hilaire nas Nascentes do São Francisco”, com fotos e textos seus, sobre o caminho e a paisagem do Rio de Janeiro à Serra da Canastra, em Minas Gerais.

É o método do naturalista francês que foi incorporado por Antonio, um tipo de explorador que se deixa levar pelos encantos dos espaços que se apresentam a sua experiência de leitor de mundo, o deslumbramento que a racionalidade da ciência reduz. É um olhar que conjuga a formação técnica e uma dimensão estética e social sobre os espaços.

Essa visão se deve à mistura do cientista e do artista que está por trás da câmera fotográfica. Antonio Liccardo tem a medida certa do caminho científico para observar a natureza. Formado em Geologia pela Universidade Federal do Paraná no final dos anos 1980, tem conhecimentos sólidos nessa área, que o ajudaram a progredir academicamente no mestrado e doutorado na Universidade Federal de Ouro Preto, entre os anos de 1997 e 2003.

Foi nessa época que Antonio liderou uma série de expedições acompanhando professores e pesquisadores de outros países – o que foi favorecido por sua facilidade com línguas estrangeiras, apesar de muitas vezes não admitir esse talento. Profissionais franceses, belgas, italianos, americanos, australianos participaram das expedições organizadas pelo geólogo em várias partes do Brasil e da América Latina.

Suas expedições geraram diversos frutos, como a publicação de uma centena de trabalhos em revistas científicas e livros para divulgar áreas da geologia, do patrimônio geológico e mineiro ou o geoturismo no Brasil.

Em 2008, depois de concluídas suas pesquisas em Minas Gerais e Espírito Santo, Antonio começou a lecionar como professor substituto no Curso de Geologia da Universidade Federal do Paraná, onde ficou trabalhando por quase dois anos. Em 2010, ingressou no Curso de Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, onde atua também nos cursos de mestrado e doutorado. No primeiro semestre de 2022, criou o Museu de Ciências Naturais em Ponta Grossa, que foi organizado em parte com seu acervo de minerais e rochas coletadas ao longo das múltiplas viagens, e em partes com doações e materiais da Universidade.

O *métier* de pesquisador e professor de Antonio Liccardo é partilhado também com sua atividade de fotógrafo. Em seus livros mistura a paixão pela natureza e o espírito humanístico que está presente em seu olhar. Sua fotografia não é apenas o registro da geologia ou da geografia, mas da cultura das pessoas que ocupam os espaços. É também uma fotografia que dialoga com a linguagem moderna dessa arte, entendendo a fotografia como um texto que interpreta o espaço de uma maneira poética e política, que tem seu momento justo, decisivo, em que as cenas vistas por ele são uma interpretação afiada da realidade.

Nos primeiros livros publicados por Liccardo há um misto de duas coisas: o fotógrafo-geólogo ora olha para a materialidade da natureza que pretende registrar, ora observa o entorno cultural que completa a existência daquele sistema. Isso ocorre, por exemplo, no livro “A arte da cantaria”, de 2006, em que a atividade de talhar

a pedra para construir casas e cidades estava diretamente ligada à vida das pessoas. Não há como separar esse trabalho do modo de viver.

“Paisagens culturais”, como o próprio nome já diz, é um livro em que essas duas dimensões se mesclam, ainda que impere o olhar poético sobre os espaços culturais e políticos de regiões que foram visitadas por Antonio durante as últimas décadas de viagens e expedições. O livro traz um olhar poético que não chegou a caber nas outras obras, que tinham uma finalidade mais restrita. Aqui neste livro, podemos dizer que o geólogo está de férias e o poeta e o observador social em pleno expediente.

“Paisagens culturais entre dois mares” é resultado de fotografias capturadas em viagens realizadas ao longo de muitos anos pelo Cone Sul, e que são organizadas tematicamente por país, de modo a trazer ao leitor comparações inevitáveis da história, da paisagem e do jeito das gentes de cada uma dessas terras. É uma perspectiva comparativa que sempre existiu entre os viajantes do século XIX. A pergunta que eles faziam era: o que os outros povos têm de diferente ou semelhante em relação ao nosso? A pergunta que parece subjazer às fotografias de Antonio é: o que os povos e a geografia da América do Sul têm em comum?

As respostas ficam no ar, são abertas, mas traçam algumas linhas do que já foi pensado sobre a região pelos cientistas sociais, pelos poetas, pelos artistas. A América Latina representa um conjunto integrado geograficamente, mas culturalmente diverso. Seus países têm em comum cinco séculos de exploração de riquezas minerais e, mais recentemente, das *commodities*: o ouro e os diamantes extraídos no Brasil geraram a mesma dor do ouro e da prata extraídos em países como a Bolívia e Peru, ou do cobre e o salitre no Chile. A história da mineração foi também uma história de dor que teve, e ainda tem, um peso avassalador nos diversos países da região.

Da mesma forma, é um continente que partilha de problemas básicos – as deficiências de educação, o desrespeito aos direitos humanos e a imensa concentração de renda são evidentes. Mais recentemente, quando a mineração tornou-se um instrumento de exploração econômica ainda mais forte, a população pobre e os habitantes das florestas – quilombolas, ribeirinhos, caiçaras, indígenas – foram ainda mais ameaçados, principalmente com o avanço do agronegócio, do garimpo ilegal na Amazônia e as empresas mineradoras internacionais.

O livro traz o registro das alegrias e das mazelas regionais no contraste das imagens: os resquícios da ditadura militar num país e noutro; as contradições entre o moderno e o arcaico; o diálogo entre a cultura da cidade e a do campo; a forma delicada de as pessoas viverem, mesmo num ambiente adverso; o desafio de não morrer com a violência que se comete todos os dias contra o meio ambiente – como na fotografia de um muro em Tilcara, na região do norte da Argentina, onde se lê: “*Este copla hoy le canta el viento a la cordillera: ‘la minera a cielo abierto nos muere el agua y la tierra’*”. É um livro que traz uma dimensão comparativa do Cone Sul, um território marcado pela delicadeza de sua gente e a aspereza da história.

Marcelo Lima
Jornalista e escritor



Praia de pescadores – Linhares, Espírito Santo – 2003.

Brasil



País de dimensões continentais, o Brasil é o maior dos territórios na América do Sul – quinto maior do mundo – cortado pela linha do Equador e pelo Trópico de Capricórnio, e dono da maior extensão de litoral Atlântico.

As pesquisas da arqueóloga Niède Guidon, nos últimos 50 anos, apontaram de maneira incontestável que a ocupação humana mais antiga nas américas teve início aqui, há mais de 40 mil anos, como indicam os vestígios e pinturas rupestres estudados na Serra da Capivara, um lugar encravado no interior do Brasil, a 1.000 km do oceano.

A colonização portuguesa que se iniciou por essa costa, diferente dos outros países no continente, teve características que marcaram seu crescimento, como a língua falada e a expansão territorial em busca de riquezas materiais. Riquezas essas que ao final se revelaram na forma de imensas jazidas de minérios de ferro, ouro, pedras preciosas, petróleo, etc.

Entretanto, a característica mais marcante – e que talvez seja um denominador comum para essa enorme diversidade paisagística, cultural e biótica – é o contraste.

Contraste nas cores, nos biotipos, nos pensamentos... mas muito contundente e gritante é o contraste social. De economia muito forte, mas com uma parte expressiva de sua população na pobreza... com grandes cientistas, artistas, escritores e pensadores... mas com sérios problemas na educação pública e um nível de instrução médio incompatível com sua pujança. O Brasil costuma ser comparado a um gigante adormecido.

Não há dúvidas, no entanto, que a maior riqueza de um país é o seu povo e sua cultura, sempre em evolução. Contraste e diversidade fazem parte dessa identidade no Brasil contemporâneo.

Nesse sentido, o país se integra perfeitamente aos países irmãos da América do Sul. Suas paisagens culturais apontam mais semelhanças do que diferenças em seus costumes e cotidianos.

Somos todos resultado da evolução na mistura de povos nativos, negros e europeus afinal. Estamos todos no mesmo caminho de luta por uma decolonização em nossos subconscientes, e por um desenvolvimento humano em nossos territórios.

Parece que o “caldo cultural” de um lugar é mais rico quanto maior for o número de ingredientes!



Pôr do sol nos Lençóis Maranhenses – Barreirinhas, Maranhão – 2016.



A represa de Sobradinho no Rio São Francisco, construída na década de 1970, inundou várias cidades e gerou um dos maiores lagos artificiais do mundo. Remanso, Bahia – 2022.



Ouro Preto, Minas Gerais – 2001.



Bom Jesus, Rio Grande do Sul – 2006.



Belém, Pará – 2010.



Paraty, Rio de Janeiro – 2008.



Porto no Rio São Francisco, Remanso, Bahia – 2022.



Torres, Rio Grande do Sul – 2018.



Mucugê, Bahia – 2002.



João Pessoa, Paraíba – 2014.



Padre Paraíso, Minas Gerais – 2021.



Ametista do Sul, Rio Grande Sul – 2016.



Morro do Cruzeiro em Diamantina, Minas Gerais – 2012.



Ouro Fino, Minas Gerais – 2020.



Salvador, Bahia – 2003.



Jacobina, Bahia – 2004.



Sistema de transporte de mineradores por cabos de aço em poços, em garimpo de esmeraldas, e a comunicação por tubos. Monte Santo, Tocantins – 2002.



Lajes Pintadas, Rio Grande do Norte – 2007.



Diamantina, Minas Gerais – 2012.



Gruta dos Brejões, Morro do Chapéu, Bahia – 2015.



Garimpo de opala em Pedro II, Piauí – 2010.



Ponta Grossa, Paraná – 2019.



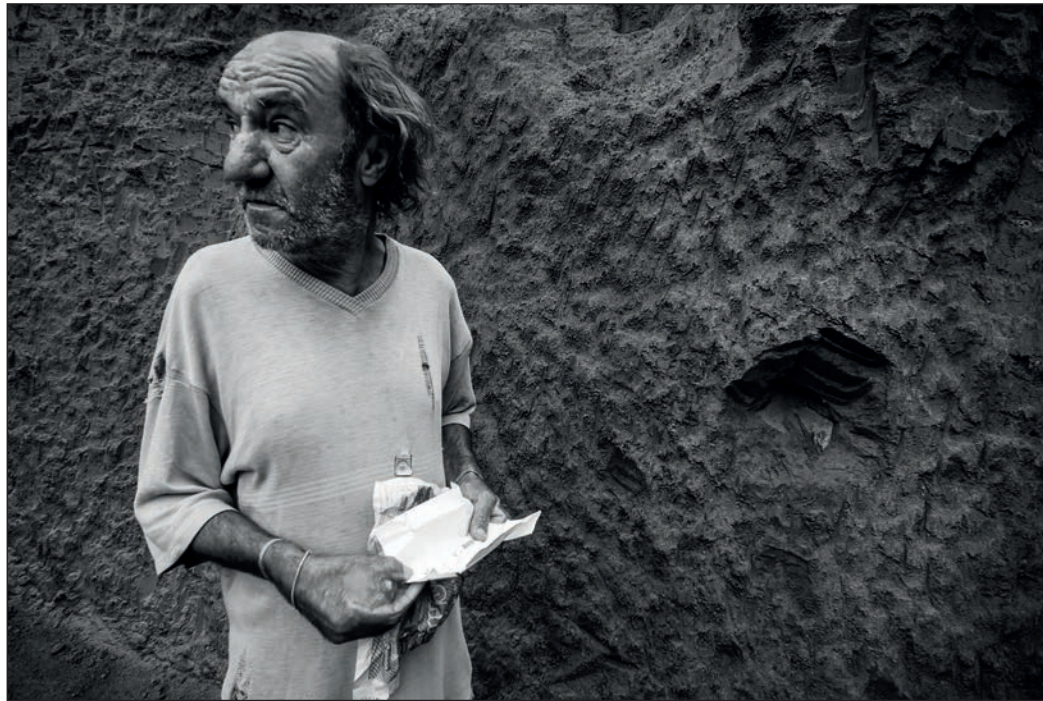
Teófilo Otoni, Minas Gerais – 2017.



Mariana, Minas Gerais – 2012.



Pedro II, Piauí – 2010.



Ouro Preto, Minas Gerais – 2013.



Goiânia, Goiás – 2021.



Congonhas, Minas Gerais – 2015.



Santana do Araçuaí, Minas Gerais – 2018.



Andaraí, Bahia – 2002.



Marapanim, Pará – 2010.



Palmital, Paraná – 2021.



São Paulo, capital – 2022.



Carga de castanhas, Marabá, Pará – 2002.



Aracaju, Sergipe – 2006.



Descarga de castanhas, Marabá, Pará – 2002.



Ouro Preto, Minas Gerais – 2001.



Salgueiro, Pernambuco – 2002.



São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul – 2005.



Monumento aos mortos na Guerra das Malvinas em Ushuaia, Terra do Fogo – 2016.

Argentina



País de grandes contrastes geográficos, a Argentina se estende da Terra do Fogo, no extremo e gelado sul, conhecido como “Fim do Mundo” – onde se está mais próximo da Antártida que da capital Buenos Aires – até o encalorado Chaco, ao norte, margeando todo o tempo as maiores montanhas do continente, os Andes, e incluindo regiões desérticas.

A Argentina por muito tempo esteve entre os países mais abastados do mundo, alavancada pela exportação de carne e agricultura, o que deixou reflexos na boa educação e qualidade de vida ainda hoje presentes. Além da mescla inicial das várias etnias nativas com os espanhóis que colonizaram o território, foi o país que recebeu o maior volume de imigrantes europeus, depois dos Estados Unidos, em fins do século XIX e meados do século XX.

Crises políticas, ditaduras e a última guerra acontecida no continente – a Guerra das Malvinas contra a Inglaterra – abateram a economia e o equilíbrio social do país, e mexeram no amálgama cultural que predominava. A luta pelos direitos humanos e pela democracia do povo argentino fica simbolizada e eternizada com o movimento das “Mães da Praça de Maio” – grupo de mulheres que tiveram seus filhos assassinados ou desaparecidos durante a ditadura militar, entre 1976 e 1983, e que se desdobrou atualmente no movimento “Avós da Praça de Maio”, que busca os bebês roubados das mães mortas nesse período.

Assim como nas ruínas de arenitos desgastadas pelo tempo na região *missionera*, ao norte, ou nos salares dos Andes e ruas de Buenos Aires, os ventos do passado sopram algumas lições e certamente trazem amadurecimento cultural a um povo tão diverso e rico como o argentino.



Buenos Aires – 2016.



Ushuaia, Terra do Fogo – 2016.



Salinas Grandes – 2012.



Baïrro La Boca em Buenos Aires – 2016.



San Antonio de Los Cobres, Salta – 2013.



Corrientes – 2012.



San Ignacio Mini – 2012.



Ruta 40 – San Juan – 2013.



Ruta 40 – Cachi, Salta – 2013.



Cachi, Salta – 2016.



Estrada que inicia o acesso aos Andes com suas curvas intermináveis em Cuesta de Lipán, Purmamarca – 2012.



Cemitério em Las Cuevas, Salta – 2013.



Maimará, Jujuy – 2012.



A Plaza de Mayo é o centro dos acontecimentos em Buenos Aires, em frente à Casa Rosada. Desde 1977 a *Asociación Madres de la Plaza de Mayo* promove protestos em favor dos direitos humanos e de informações de seus filhos e netos, desaparecidos durante a ditadura. Buenos Aires – 2016.



Corrientes – 2012.



Vaqueros,
Salta – 2019.



Farol Les Eclaireurs, símbolo do extremo sul argentino e, por vezes, chamado de Farol do Fim do Mundo.
Ushuaia, Terra do Fogo – 2016.



Tilcara, Jujuy – 2012.



Tilcara, Jujuy – 2019.



Santiago del Estero – 2013.



Resistência – 2019.



San Antonio de Los Cobres, Salta – 2013.



Santiago del Estero – 2013.



Humahuaca, Jujuy – 2016.



Salta – 2016.



Resistência – 2016.



Buenos Aires – 2013.



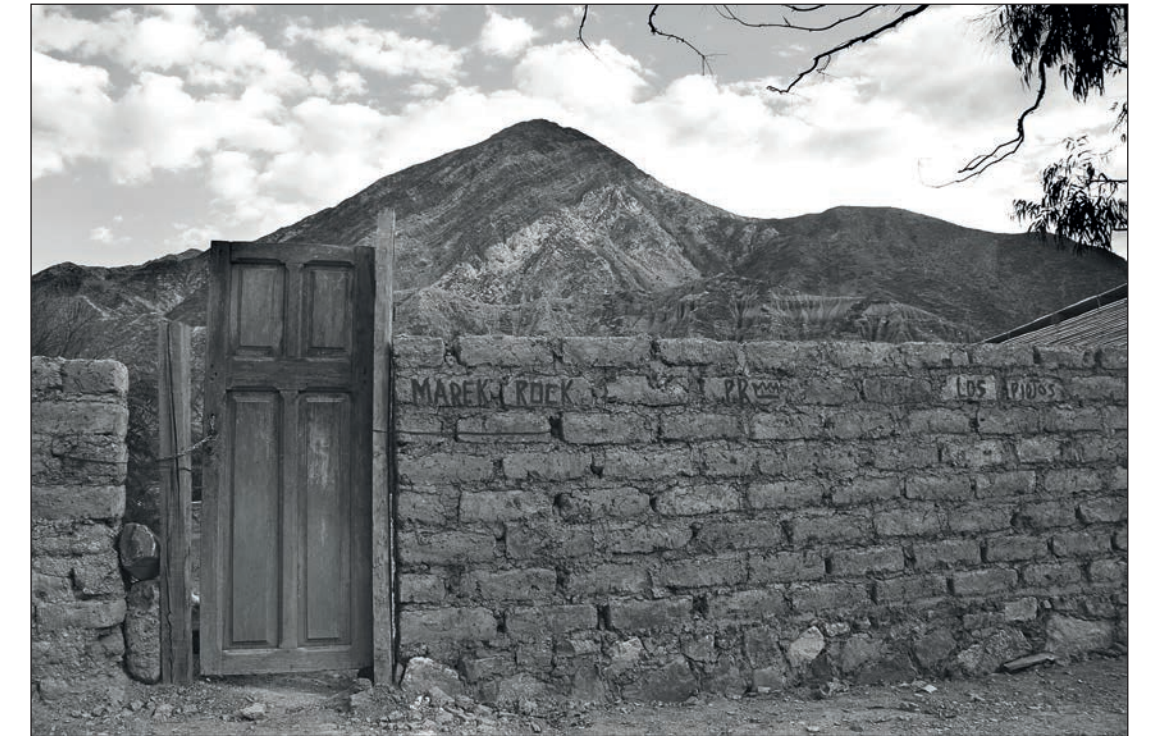
Salta – 2013.



Grafite representando grandes personagens argentinos – Maradona, Che Guevara e Patrício Rey, do grupo de rock Los Redondos – Salta – 2013.



Ponte metálica da ferrovia Salta – Antofagasta conhecida como “La Polvorilla”, por onde passa “el tren de las nubes”, a 4.200 m de altitude. Chorrillos, Salta – 2013.



Cerro de Siete Colores na cidade de Purmamarca, Jujuy – 2012.

Anfiteatro natural na Quebrada de las Conchas, ao longo da Ruta 68 – Cafayate, Salta – 2016.



Tilcara, Jujuy – 2019.



Río da Prata em Colonia del Sacramento – 2018.

Uruguai



Território que já foi disputado por Espanha, Portugal, Brasil e Argentina, principalmente pelo acesso privilegiado ao Rio da Prata, o Uruguai conquistou sua independência do Brasil em 1828 e é considerado um dos países mais desenvolvidos em qualidade de vida da América do Sul.

Seu interior apresenta uma paisagem calma e minimalista de pampas e rebanhos de ovelhas e bovinos, em contraste com sua orla marinha sofisticada de Punta del Este, ou da riqueza histórica ao longo do Rio da Prata em Montevideu e Colônia do Sacramento. Com uma população pequena e ocupação desigual no território, o Uruguai se destaca por seu pioneirismo na defesa dos direitos civis e da democracia.

A imigração de europeus entre o século XIX e meados do século XX foi muito intensa, influenciando sobremaneira as características e a cultura do país. O Uruguai viveu seu auge econômico na primeira metade do século XX, graças a uma política de exportação agrícola e pecuária e o investimento constante em educação, que deixaram reflexos, ainda hoje, nas suas políticas públicas.

Ao percorrer seu interior calmo, é nítida uma percepção de temporalidade distinta... uma vida conectada fortemente ao passado... uma sensação de permanência continuada.

Talvez a característica mais marcante da cultura uruguaia seja um ritmo de vida mais saudável e humano, em que as pessoas desfrutam da natureza, da companhia de amigos, dos churrascos e do mate, com calma e prazer. Essa qualidade é perceptível em todos os momentos e lugares desse pequeno país com histórico de lutas e conquistas sociais, que parece se preocupar mais com o desenvolvimento equilibrado e justo de seus cidadãos do que com o produtivismo e consumismo contemporâneos, tão presentes em outros países.



Montevideu – 2018.



Montevideu – 2018.



Mercado del Puerto, Montevideu – 2018.



Cabo Polonio – 2018.



Colonia del Sacramento – 2013.



Montevideu – 2018.



Colonia del Sacramento – 2013.



Mercedes – 2013.



Tacuarembó – 2018.



Montevideu – 2018.



Montevideu – 2013.



La Paloma – 2018.



La Pedrera – 2018.



Cabo Polônio – 2018.



Colonia del Sacramento – 2013.



San Ignazio – 2012.

Paraguay



O território paraguaio está todo localizado na planície entre os Rios Paraguai e Paraná, sem uma saída para o mar, o que atribui a esse país características bem específicas no estilo de vida. Geograficamente predomina a chamada região do Gran Chaco, planície aluvionar com ecossistemas bem distintos, pantanosos e ricos em biodiversidade, contudo pouco ocupada pela população, e com alguns poucos morros de baixa altitude dispersos. A rede hidrográfica abundante influencia diretamente na vida econômica e social do país, até mesmo da capital, Assunção, às margens do Rio Paraguai ou no famoso e decantado em músicas Lago de Ypacaraí.

Até o século XVI essa região era ocupada pelos povos guaranis, que passaram a conviver com os conquistadores espanhóis, havendo uma intensa miscigenação intencional com o objetivo de conter a expansão portuguesa na época. Assunção se tornou um importante centro das colônias espanholas na América do Sul e local de concentração de missionários jesuíticos.

No passado, o país sofreu grandes perdas na chamada Guerra do Paraguai (com Brasil, Argentina e Uruguai), tendo sua população sido praticamente dizimada. Depois disso, recebeu imigrantes europeus e asiáticos para um repovoamento. O Paraguai é hoje a grande nação do povo guarani, sendo 95% da sua população bilíngue, nas línguas oficiais: guarani e espanhol.

À semelhança dos países vizinhos, o Paraguai também sofreu com a instabilidade política e ditadura militar por décadas, o que dificultou seu crescimento econômico e avanço na qualidade de vida de sua população.

A característica cultural mais evidente no Paraguai é a resiliência e persistência da tradição guarani ao longo dos séculos enfrentando os desafios. Em seus costumes, na música melódica das guarânias – influência do tempo das missões – e até mesmo nas ruínas de uma arquitetura *missionera*, são perceptíveis os vestígios da história e das paisagens culturais paraguaias.



San Ignacio – 2012.



Ruínas das missões jesuíticas de Trinidad – 2012.



Missão jesuítica de Jesus de Tavarangué – 2012.



Ruínas das missões de Jesús de Tavarangué – 2012.



Ciudad del Este – 2015.



Assunción – 2012.



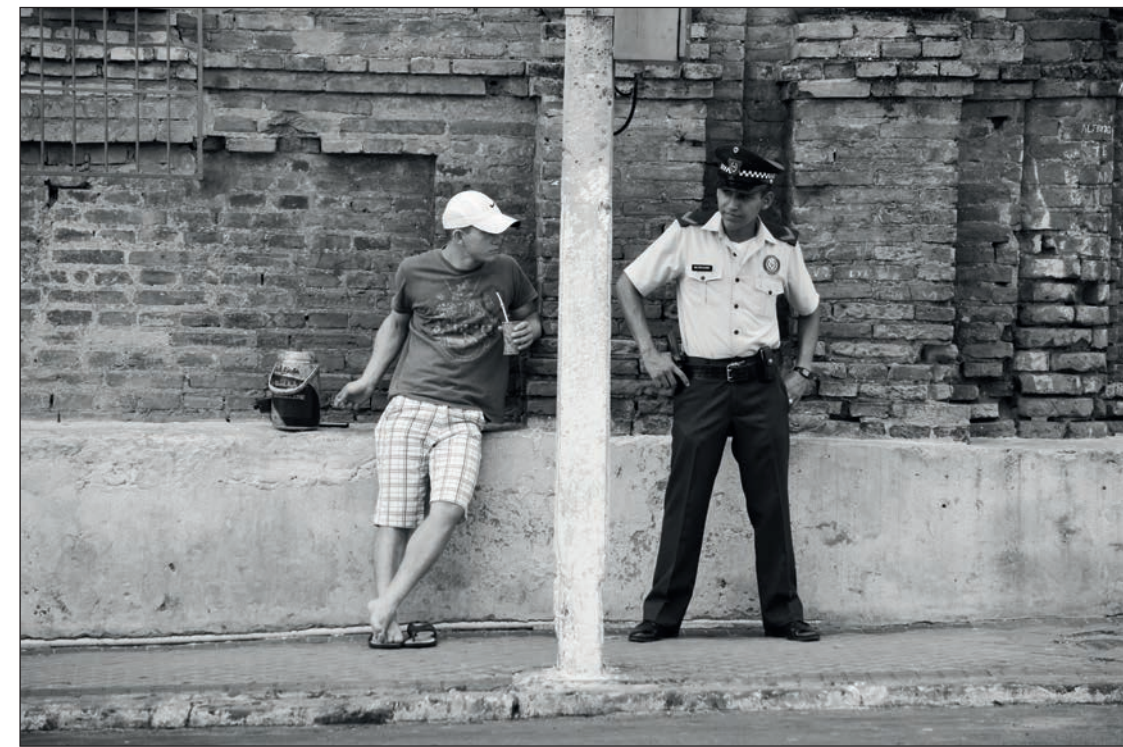
Caapucú – 2020.



Villa Florida – 2012.



Assunción – 2012.



Assunción – 2020.



Assunción – 2012.



Ciudad del Este – 2017.



Ciudad del Este – 2017.



Ciudad del Este – 2020.



Ciudad del Este – 2017.



Antiga cidade de Chuquicamata, cuja população foi transferida em 2003, em função da expansão da mineração de cobre. Chuquicamata – 2019.

Chile



O Chile ocupa um dos territórios mais incomuns do planeta. Com mais de 4.200 km de extensão no sentido norte-sul e cerca de 170 km de largura, no sentido leste-oeste, é dono do maior litoral do Oceano Pacífico na América do Sul, incluindo muitas ilhas como a remota Ilha de Páscoa, além de comportar grande parte da cadeia dos Andes em sua fronteira leste. Sua conformação tectônica também é ímpar, já que é um encontro espetacular de uma placa tectônica oceânica que afunda embaixo da placa continental sul-americana. Em função disso, possui muitos vulcões ativos e convive com sismos frequentes. Aliás, foi palco do maior terremoto já registrado no mundo em 1960 – que atingiu 9,5 na escala Richter – o que dá uma ideia das dificuldades nas relações da população com a natureza. Como disse um taxista em Santiago: “*somos un pueblo sísmico!*”

Terra de extremos, como o frio antártico ao sul e o deserto mais seco do mundo ao norte – o Atacama, o Chile foi brindado com riquezas minerais importantes, principalmente o cobre, que se apresenta em jazidas e reservas fabulosas e um ótimo *terroir* para a produção de grandes vinhos.

Por vários fatores o Chile vem se destacando no cenário sul-americano nas últimas décadas, como o país mais avançado no desenvolvimento humano, com altos padrões na educação, saúde e economia.

Culturalmente, sua população é resultado da mescla dos espanhóis com as culturas ameríndias, especialmente os Mapuche – que ainda predominam na porção sul do país. A longa ditadura vivida pelo povo chileno por décadas e a sua situação geográfica peculiar imprimiram homogeneidade e talvez um certo isolacionismo na cultura chilena. Não obstante, seu histórico de ocupação por culturas antigas traz uma riqueza especial na maturidade e no entendimento desse belo país.



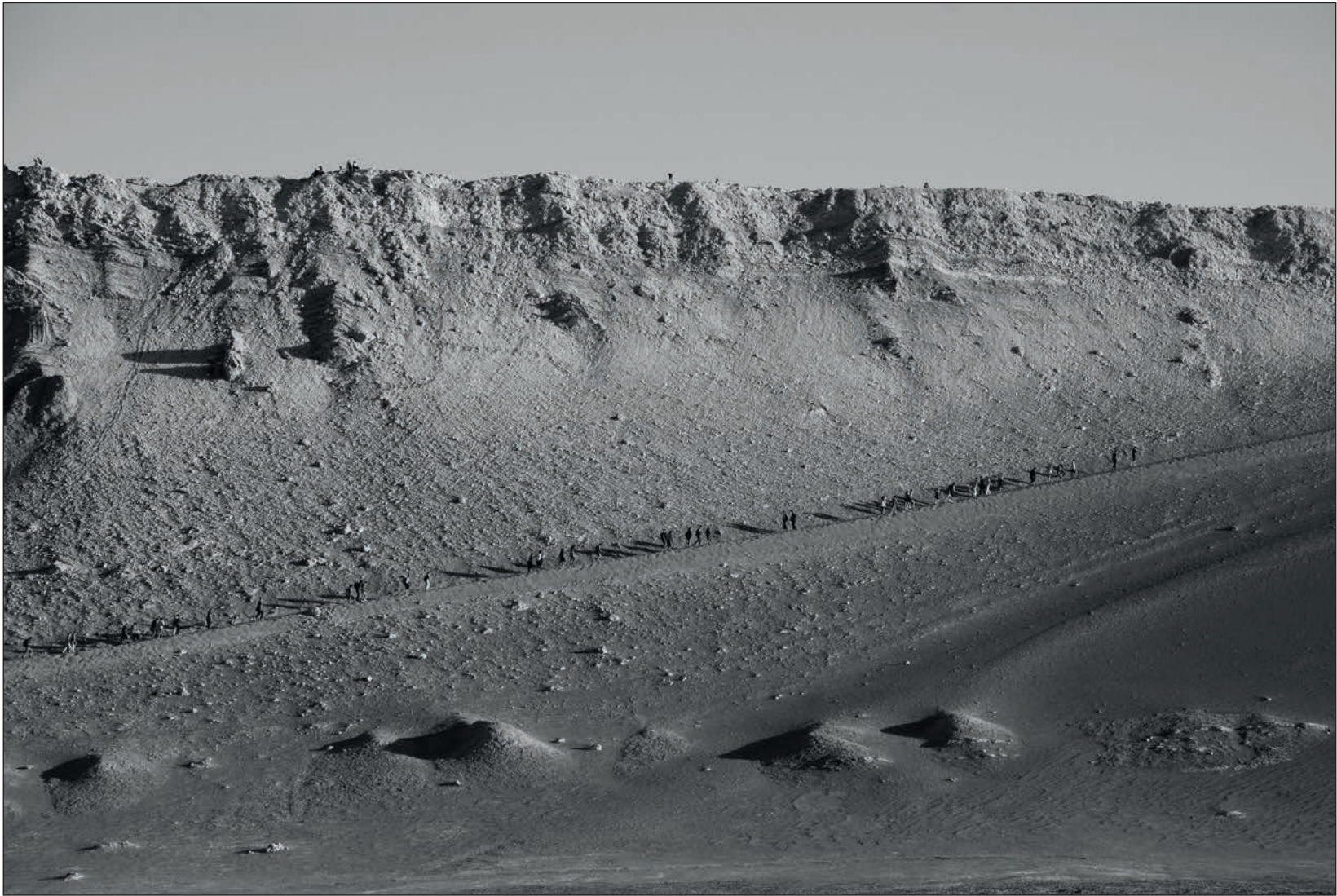
Cidade fantasma da mineração de salitre. Pueblo Pampa Unión, Antofagasta – 2011.



Sierra Gorda, Antofagasta – 2019.



Deserto de Atacama – 2019.



San Pedro de Atacama – 2019.



La Serena – 2011.



Valparaíso – 2014.



Antofagasta – 2011.



Baquedano – 2011.



Copiapó – 2011.



Machuca – 2011.



Cemitério de Pampa Unión, Antofagasta – 2011.



Santiago – 2014.



Calama – 2019.



Santiago – 2014.



Valparaíso – 2014.



Santiago – 2014.



La Paz – 2017.

Bolivia



Bolívia é um país plurinacional e democrático. Isso já diz muito sobre a sua cultura, resultado das muitas etnias e línguas faladas – espanhol, quíchua e aimará, além de outras 34 oficiais! A diversidade é uma característica potencializada nesse país, que já foi chamado de Alto Perú e já foi um dos centros do Império Inca, e apresenta, também, uma imensa biodiversidade em seus ecossistemas.

Encravada no meio do continente, sem saída para o mar, a Bolívia distingue-se, geograficamente, em dois terrenos bem distintos: o altiplano, que coloca o país acima dos 3 mil metros de altitude, no coração dos Andes, e as planícies a leste, com características da Amazônia e do Chaco. No contexto do altiplano encontram-se a capital La Paz, cuja altitude de 3.600 metros desafia os visitantes a todo momento, e seu aeroporto, em El Alto, onde, ao descer do avião, a terra firme se encontra a estonteantes 4 mil metros acima do mar. Também o enorme Lago Titicaca, com suas águas escuras e cristalinas, encontra-se na altitude, dividido com o vizinho Perú.

Na Bolívia está localizado o Uyuni, o maior deserto de sal do mundo, e que é uma das melhores fontes conhecidas de lítio, elemento tão buscado atualmente para fabricação de baterias de celulares, eletrônicos e carros elétricos. O país também é um grande produtor e exportador de gás natural.

Em meio às altíssimas e geladas montanhas andinas da Bolívia encontra-se uma montanha mitológica: o Cerro Rico de Potosí, que foi a famosa fonte da prata explorada pelos conquistadores espanhóis na sua chegada à América. Por quinhentos anos suas minas, hoje ainda produtivas, contaram histórias de sofrimento, ganância, folclores e crenças que povoaram o imaginário do mundo todo.

Desde 1987, a cidade de Potosí integra a lista de Patrimônio Cultural da Unesco pelo seu conjunto arquitetônico, ainda bem preservado, e todo contexto de patrimônio imaterial ligado à mineração. Segundo relatos de um padre da época, Frei Domingo de Santo Tomás: “Não é prata o que se envia à Espanha... é o suor e sangue dos nativos”.

O convívio em harmonia de tantas etnias e o desenvolvimento humano constatado nos últimos anos na Bolívia, entretanto, apontam claramente para uma Bolívia diferente no futuro. Talvez mais desenvolvida e justa, mas que continuará se orgulhando de seu passado andino, de prosperidade dos Incas.



La Paz – 2017.



Calle de las Brujas, La Paz – 2017.



El Alto – 2017.



La Paz – 2017.



Tiquina – 2017.



Tiquina – 2017.



Monumento de sal, Uyuni – 2017.



Lago Titicaca – 2017.



Lago Titicaca – 2017.



Lago Titicaca – 2017.



Uyuni – 2017.



Uyuni – 2017.



Cemitério de trens, Uyuni – 2017.



Cerro Rico de Potosí – 2017.



Potosí – 2017.



El tío, guardião das minas de prata, Potosí – 2017.



Potosí – 2017.



Potosí – 2017.



Copacabana – 2017.



La Paz – 2017.



Machu Picchu – 2017.



Geograficamente se destacam, no Peru, três distintos ambientes: planície costeira, montanhas e floresta amazônica, que foram palco de civilizações muito antigas como Caral, Chavin, Mochica, Wari e os Incas, que dominavam os andes quando chegaram os espanhóis. É um país multicultural, com diversas etnias e 44 línguas faladas além das oficiais: espanhol, quíchua e aimará – esta última era a falada pelo incas.

De fato, foi nesse território que se desenvolveu o maior império pré-colombiano da América – o Império Inca – a partir de sua capital administrativa, política e espiritual, Cuzco, considerada por eles o centro do mundo – e que ainda hoje mantém a arquitetura, cultura e hábitos dos seus ancestrais. Foi nesse cenário que se deu o início da “conquista” pelos espanhóis e a fabulosa exploração de ouro e prata do Eldorado americano, que enriqueceu a Espanha a partir de 1532.

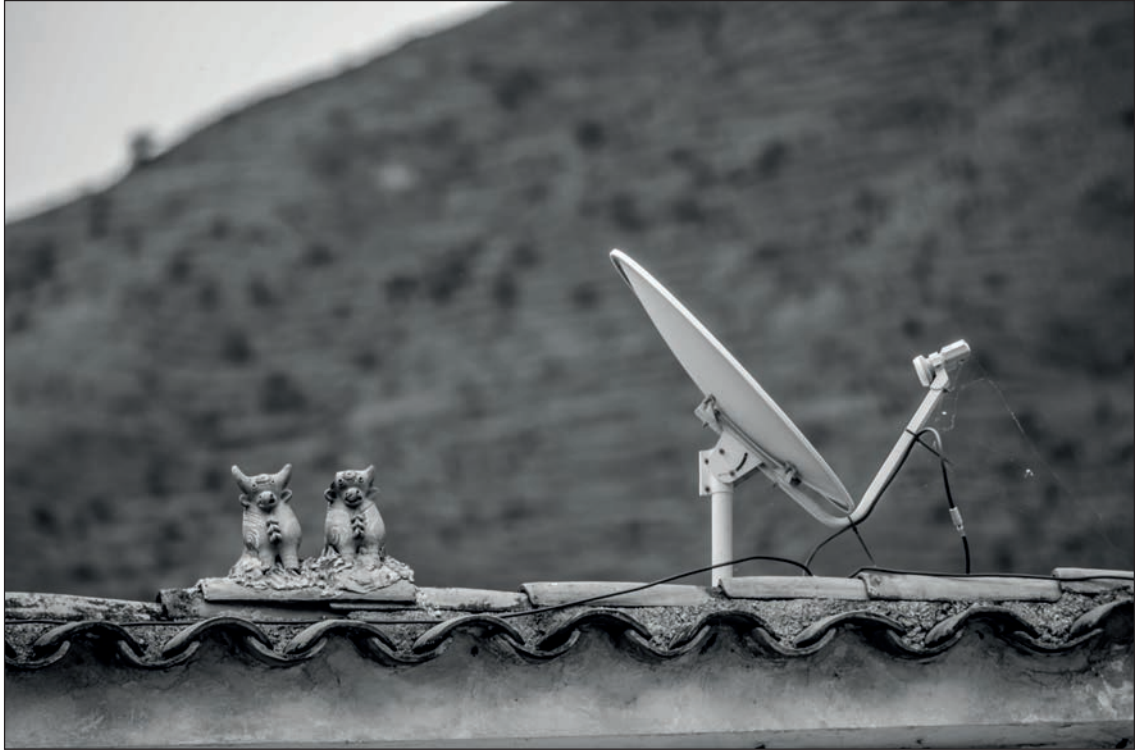
Como outros países da costa pacífica, o Peru está sujeito a terremotos e tsunamis com certa frequência. E também, à semelhança de outros países da América do Sul, tem um histórico político conturbado com ditaduras e crises econômicas, resultando em enormes dificuldades sociais nos dias atuais.

No Peru encontram-se doze dos patrimônios mundiais reconhecidos pela Unesco, o que inclui a mítica Machu Picchu – chamada “cidade perdida dos Incas” e considerada, atualmente, uma das sete maravilhas do mundo moderno.

Com uma cultura de sincretismo entre o catolicismo espanhol e as muitas tradições das culturas andinas nos últimos séculos, o Peru apresenta como resultado um incrível caldo cultural de folclore, história, arquitetura, música e gastronomia, que se destacam hoje no mundo e se refletem no turismo.



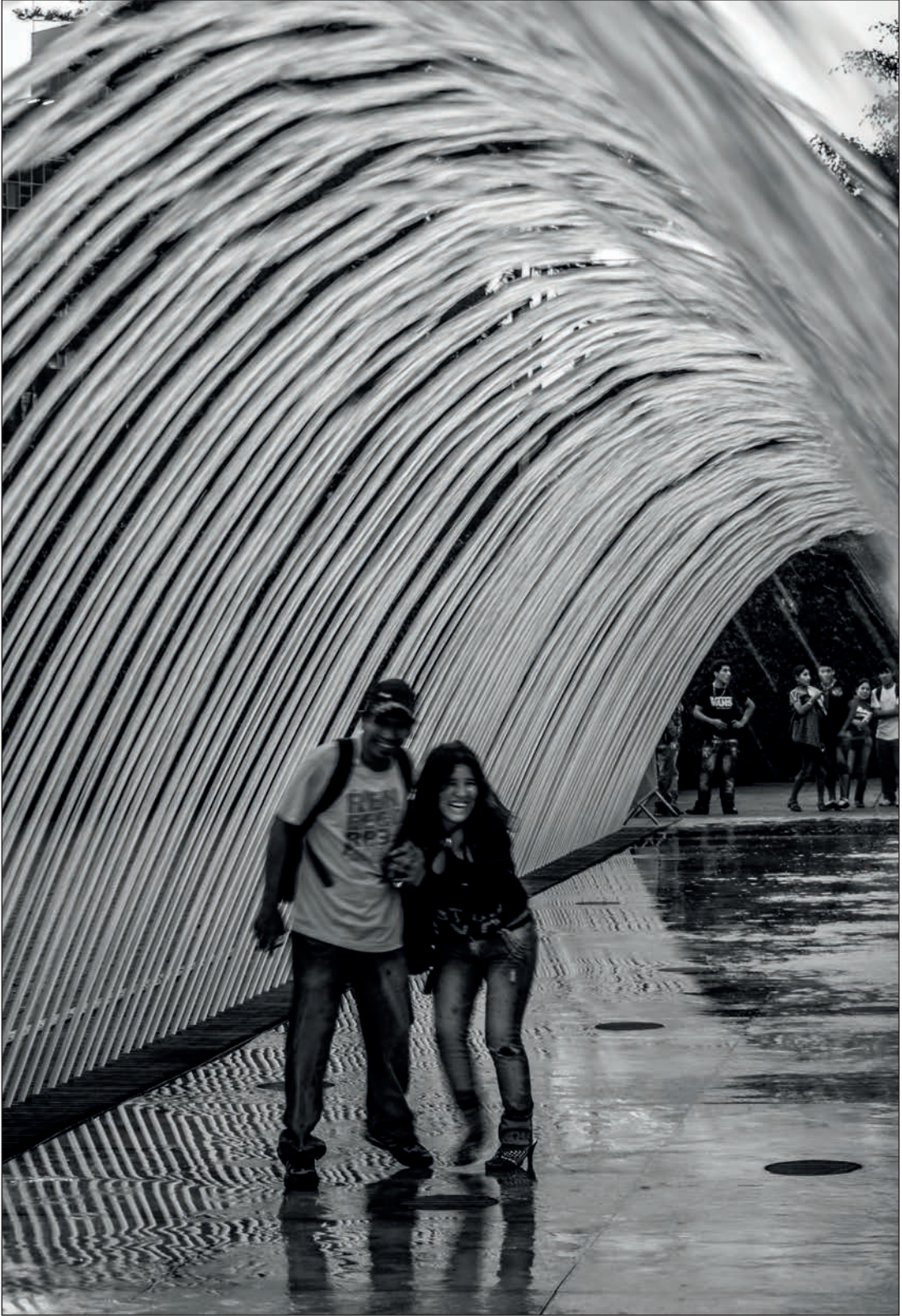
Ollantaytambo – 2017.



Pisac – 2017.



Pisac – 2017.



Lima – 2017.



Machu Picchu – 2017.



Ollantaytambo – 2017.



Cuzco – 2017.



Pisac – 2017.



Lima – 2017.



Lima – 2017.



Cuzco – 2017.



Cuzco – 2017.



Cantaria em rocha vulcânica, Lima – 2017.



Águas Calientes – 2017.



Águas Calientes – 2017.



Lima – 2017.



Urubamba – 2017.



Ollantaytambo – 2017.



Casa de Guasaymin, Quito – 2019.

Ecuador



Equador é o círculo teórico máximo que divide a Terra em partes iguais... e que dá o nome a esse belo país com dias e noites de mesma duração e clima constante o ano todo. Seu território apresenta regiões diferentes e bem definidas, uma costeira, outra andina e uma terceira amazônica. Possui ainda uma grande diversidade de espécies – considerada a maior biodiversidade por quilômetro quadrado do mundo.

Sua natureza tem um vínculo muito estreito com a cultura mundial, já que o grande naturalista Alexander Von Humboldt estudou esse território, seu clima, suas florestas e seus vulcões com grande detalhe. Humboldt apresentou suas ideias sobre paisagens como processos de formação-transformação nos círculos culturais europeus, no início do século XIX. Esse modo de ver a natureza permanece bastante atual. As insólitas ilhas Galápagos também fazem parte do Equador e são o berço do evolucionismo de Charles Darwin, que abalou a cultura científica e tantos avanços permitiu na sociedade moderna. Esse país sul-americano é realmente ímpar e, ainda, é o único no mundo que reconhece os direitos da natureza em sua constituição.

De ocupação muito antiga na América, também fez parte do Império Inca e, como nos países vizinhos, resultou da mescla das culturas nativas com a cultura espanhola dos “conquistadores”. Também em comum com outros países sul-americanos, um histórico político conturbado, com ditaduras e lutas pela democracia e pelos direitos civis.

Com uma história rica e a característica de conservação, a capital Quito foi declarada Patrimônio da Humanidade pela Unesco em 1970, com o centro histórico mais bem preservado da América Latina. Também a cidade de Cuenca recebeu o mesmo título em 1999, por ser um exemplo de cidade planejada de estilo colonial no interior da América. Curiosamente, Cuenca se destaca em nível mundial pela produção artesanal dos refinados e famosos chapéus-Panamá... que nunca foram feitos no Panamá!



Quito – 2019.



Quito – 2019.



Mitad del mundo, Quito – 2019.



Vulcão Quilotoa – 2017.



Quito – 2019.



Pichincha – 2019.



Quito – 2019.



Quito – 2019.



Quito – 2019.



Quito – 2019.



Quito – 2019.



Otavalo – 2019.



Otavalo – 2019.



Zumbagua – 2019.



Quito – 2019.



Monumento de La Virgen Alada em Quito – 2019.



Quito – 2019.

Sobre o autor

1965 – Antonio Liccardo nasce em Curitiba, Paraná, filho de pai italiano e mãe brasileira.

1983 – Início na fotografia analógica, como autodidata e participante de cursos de curta duração no SENAC de Curitiba, quando as fotografias preto e branco ainda podiam ser reveladas artesanalmente num banheiro.

1985 – 1990 – Durante os estudos na faculdade de Geologia, pela Universidade Federal do Paraná, inicia as primeiras viagens científicas, fazendo estudos de campo e registros fotográficos de natureza.

1986 – Ganha o 1º lugar no concurso de fotografias sobre a Ilha do Mel, no Paraná, promovido pela Universidade Federal do Paraná.

1990 – 1991 – Estadia no sul da Itália, fotografando paisagens naturais/culturais.

1991 – Cursa especialização em Gemologia na Universidade Federal de Ouro Preto e faz os primeiros registros fotográficos do cotidiano em Minas Gerais.

1996 – Estadia no centro-norte da Itália em aprofundamento na área de geomologia e no registro fotográfico de paisagens.

1997 – 2003 – Cursa mestrado e doutorado na área de pedras preciosas na Universidade Federal de Ouro Preto, o que envolveu muitas viagens, fotografias e expedições científicas pelo Brasil.

1998 – Lança o primeiro livro de fotografias, bilíngue, com registros de Minas Gerais e Itália – **Visadas/*Sguardi***. Ed. Independente, com apoio da Fundação Municipal de Cultura de Curitiba.

2000 – Publica o livro **Os Sentidos da Pedra**, com textos em poesia de Donizete Galvão, e expõe parte de suas imagens em mostra itinerante, entre Curitiba e Ouro Preto. Ed. Independente, com apoio da Fundação Municipal de Cultura de Curitiba.

2001 – Publica **Gemas de Minas Gerais**, livro no qual participa como organizador em coautoria com Cristiane Castañeda e João Addad, além de autor de alguns capítulos e responsável pelas imagens de pedras preciosas e garimpos de Minas Gerais. Ainda em 2001, colabora com imagens na produção do livro *Nas Trilhas de Saint-Hilaire*, narrativa sobre as viagens desse naturalista do século XIX pelo Paraná, publicado pelo jornalista Marcelo Lima. Nesse mesmo ano vence dois concursos fotográficos – O Olhar do Geólogo, promovido pela Universidade Federal de Ouro Preto, e Bens Minerais e Produção, promovido pela Sociedade Brasileira de Geologia, em Belo Horizonte.

2002 – Refaz os passos de Saint-Hilaire por Minas Gerais e publica **Saint-Hilaire nas Nascentes do São Francisco**, com o geólogo Júlio César Mendes. Viagem em pesquisas de mineralogia e registros fotográficos na Inglaterra, Escócia, França, Bélgica, Polônia, República Tcheca e Croácia.

2006 – A partir de visitas técnicas e registros fotográficos a minerações do Paraná, junto ao Serviço Geológico do estado, publica **Minas do Paraná**, em parceria com Luiz Tadeu Cava, editado pela Imprensa Oficial do Paraná e com o selo do Sesquicentenário do Paraná. Ainda nesse ano, publica **Elos da Terra**, em coautoria de Lélia Copruchinski e Rodrigo Alarcon, um registro fotográfico da joalheria autoral em Curitiba e Buenos Aires, e vence o concurso Fronteiras da Geologia, promovido pela Sociedade Brasileira de Geologia, em Curitiba.

2007 – A partir do convívio de alguns anos com o mestre canteiro Juca Pereira, em Ouro Preto, Minas Gerais, publica o livro **A Arte da Cantaria** (Editora ComArte), em parceria com Carlos Alberto Pereira e Fabiano Gomes da Silva, com registros fotográficos dos trabalhos do mestre e dos entalhes em pedra na arquitetura barroca de Ouro Preto e Estrada Real em Minas Gerais. A mostra das imagens foi realizada em vários momentos em Ouro Preto e Belo Horizonte, resultando numa exposição permanente sobre

cantaria dentro do Museu de Ciência e Técnica de Ouro Preto. Ainda em 2007, lança o livro **Pedra por Pedra – Mineralogia para Crianças**, junto com Valentina Berger. Alguns anos depois esse livro foi lançado no México, em sua versão espanhola.

2008 – Em mais uma colaboração com o Serviço Geológico do Paraná, publica **Geoturismo em Curitiba**, com Gil Piekarz e Eduardo Salamuni, que recebeu versões em português e inglês, sendo totalmente ilustrado. Também nesse ano fotografa as minas de mármore de Carrara, na Itália.

2010 – Ingressa como professor na Universidade Estadual de Ponta Grossa, onde atua em pesquisas sobre geodiversidade, patrimônio geológico e divulgação de geociências. Ainda nesse ano publica o livro bilingue **La Pietra e L’uomo – Cantaria e Entalhe em Curitiba**, obra aprovada pela Fundação Municipal de Cultura de Curitiba.

2011 – Participa da expedição científica *Peregrinor ut adiscere*, promovida pelo Centro de Paleontologia e Estudos da Vida, da Universidade do Contestado de Mafra, Santa Catarina, pela América do Sul.

2012 – Recebe o prêmio Monteiro Lobato, da Sociedade Brasileira de Geologia, pela atuação na divulgação das geociências no Brasil. E realiza outra expedição científica e fotográfica pela América do Sul.

2014 – Publica os livros **Os Minerais – Elementos da Geodiversidade** (Editora UEPG) e **Geodiversidade na Educação** (Editora Estúdio Texto), esse último em parceria com o geólogo e professor Gilson Guimarães, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

2015 – A partir de uma viagem para participar de um evento científico em Cuba, publica o livro-catálogo **Cuba – Fragmentos do Cotidiano de Havana** (Editora Estúdio Texto), com uma exposição pública das imagens realizada na Estação Arte de Ponta Grossa, Paraná.

2016 – Publica o livreto ilustrado **Minerais – Características e Principais Propriedades**, com Carla Pimentel e Gilson Guimarães, pela Editora Estúdio Texto.

2017 – Publica os livros **Tropeirismo e Geodiversidade no Paraná**, pela Imprensa Oficial do Paraná, com o geólogo Gil Piekarz, do Serviço Geológico do Paraná, e **Estética da Morte - Paisagens de Cemitérios** (Editora Estúdio Texto) com o geógrafo e professor Almir Nabozny, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

2018 – Ganha o concurso de fotografias A Melhor Janela, promovido por Renata Florisbelo e a Editora Estúdio Texto, em Ponta Grossa, para ilustração de livro.

2019 – Publica os livros **Geopatrimônio de Tibagi, Paraná e Geoturismo e Patrimônio Geomineiro no Brasil**, com o geólogo e professor Marcos Nascimento, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ambos pela Editora Estúdio Texto.

2021 – Publica **Ponta de Areia - Estrada de Ferro Bahia e Minas: imagens de uma expedição** (Editora Estúdio Texto), em parceria com o geólogo e fotógrafo Marco Antônio Fonseca, um livro de fotografias registradas em preto e branco analógico vinte anos antes, que propõe o resgate histórico e cultural ao longo da ferrovia extinta. Também em 2021 produziu um documentário sobre a geodiversidade na América do Sul, a partir de um perfil pelo Trópico de Capricórnio e amostras do Museu de Ciências Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

2022 – Como coordenador, inaugura o Museu de Ciências Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Como organizador e autor de alguns capítulos, publica o livro **O Museu de Ciências Naturais – Geodiversidade e Biodiversidade** (Editora Estúdio Texto).

Apoio



Incentivo



série _____
referência

ISBN: 978-65-87261-29-4